

R 267

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS – CCA
CURSO DE AGRONOMIA

SUINOCULTURA COMO ALTERNATIVA DE RENDA NO EXTREMO
OESTE CATARINENSE

TOVAR RAUL WERLANG



0.284.126-8

UFSC-BU

FLORIANÓPOLIS, JUNHO DE 2003.

R
267
BSCCA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS – CCA
CURSO DE AGRONOMIA

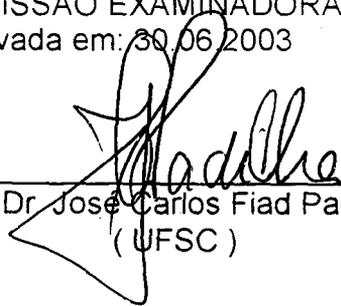
MONOGRAFIA
Tovar Raul Werlang

Trabalho de conclusão
apresentado ao Curso de
Agronomia para obtenção do
título de Engenheiro Agrônomo
realizado no município de
Itapiranga e região.



Prof. Dr. Renato Irgang
Orientador do Estágio

COMISSÃO EXAMINADORA:
Aprovada em: 30/06/2003



Prof. Dr. José Carlos Fiad Padilha
(UFSC)

Ms. Leocir Welter

FLORIANÓPOLIS, 2003.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS por ter conduzido meu caminho.

À minha família, mãe Petronila Teresa Werlang, aos irmãos Ernani Braz Werlang e Gelson Guilherme Werlang, pelo apoio e carinho em todos os momentos da minha vida.

A minha noiva Andréa Branco Schmidt, pelo apoio e compreensão.

Ao professor orientador Renato Irgang, pela orientação e valiosas sugestões.

Aos amigos e colegas: Volmir Kist, Jailson Epping, Robson Sandri de Quadros, Thiago Guimarães Heinzen pelo companheirismo e momentos de descontração.

Aos professores e colegas de graduação, pelo aprendizado e convivência em todos estes anos.

Ao supervisor do Estágio Eng. Agrônomo Celiomar Crestani e sua equipe, que prontamente atenderam o meu pleito e disponibilizaram a estrutura da Cooperita para a viabilização deste Estágio de Conclusão.

Aos produtores suínícolas, que sem nenhum receio me acolheram em suas propriedades para cumprir mais esta etapa do estagiário.

A todos não nomeados que fizeram parte de minha formação e conclusão deste.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	v
LISTA DE QUADROS.....	v
1. INTRODUÇÃO.....	01
2. OBJETIVOS.....	02
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	03
4. PONTOS BÁSICOS AVALIADOS.....	03
5. A IMPORTÂNCIA DA SUINOCUTURA.....	04
6. BIOSSEGURANÇA.....	05
6.1. Eficiência Reprodutiva.....	06
6.2. Doenças mais recentes.....	07
6.2.1. Aujeszky.....	07
6.2.2. Linfadenite.....	07
7. COOPERATIVA AGROPECUÁRIA ITAPIRANGA (COOPERITA).....	08
7.1. Histórico da Cooperita.....	08
7.1.1. Atividades na Cooperita.....	09
8. ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS.....	11
8.1. Unidade de Produção de Leitões (UPL) - GRANJA SWS.....	11
8.2. Crecheiro Bruno Schaefer.....	14
8.3. Ciclo De Terminação Sílvio Jahen.....	15
8.4. Tomada de decisão do produtor.....	16
9. EXPECTATIVAS DA SUINOCULTURA.....	18
10. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
11. CONCLUSÃO.....	26
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
13. ANEXOS.....	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Importância Econômica da Suinocultura para Itapiranga nos anos 2001/2002	05
Tabela 02 – Animais da Granja SWS.....	11
Tabela 03 - Ração fornecida as matrizes conforme o tempo de gestação.....	12
Tabela 04 - Formulação das rações fornecidas na Granja SWS.....	12
Tabela 05 - Exportação de Carne suína.....	18
Tabela 06 - Relação de troca suíno/milho de 1998 a 2002.....	18
Tabela 07 - Relação de troca suíno/farelo de soja 1998 a 2002.....	19
Tabela 08 - Preço recebido pelos suinocultores em 2002.....	19
Tabela 09 - Distribuição dos suínos nos municípios de Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste/SC, conforme dados da Cidasc em outubro/2002	21
Tabela 10. Volume de ração necessário para produção de suínos.....	23

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Histórico da COOPERITA	08
--	----

1. INTRODUÇÃO

Este relatório descreve as atividades desenvolvidas durante o trabalho de conclusão do Curso de Agronomia, e foi direcionado à suinocultura como alternativa de renda no Município de Itapiranga e Região, no extremo Oeste de Santa Catarina.

A primeira fase do estágio foi realizada na Unidade Produtora de Leitões (UPL) da Granja SWS, localizada na Comunidade de Aparecida em Iporã do Oeste/SC. O estágio foi supervisionado pelo sócio gerente, Benjamin Schwengber, no período de 6 a 13 de janeiro de 2003.

A segunda fase do estágio foi desenvolvida na Cooperita – Cooperativa Agropecuária Itapiranga, sob supervisão do gerente da divisão agropecuária Celiomar J. Crestani, no período de 14 de janeiro a 7 de março de 2003.

2. OBJETIVOS

- Vivenciar o cotidiano de uma granja de suínos nos três principais estágios de produção: CRIA, RECRIA e TERMINAÇÃO, observando a Cadeia Produtiva da Suinocultura, em que estão inseridos os agentes: produtores, parceiros das agroindústrias, assistência técnica, integração;

- Analisar o perfil do suinocultor regional;

- Acompanhar e entender o "Negócio Suíno" do ponto de vista da empresa que trabalha e incentiva a produção;

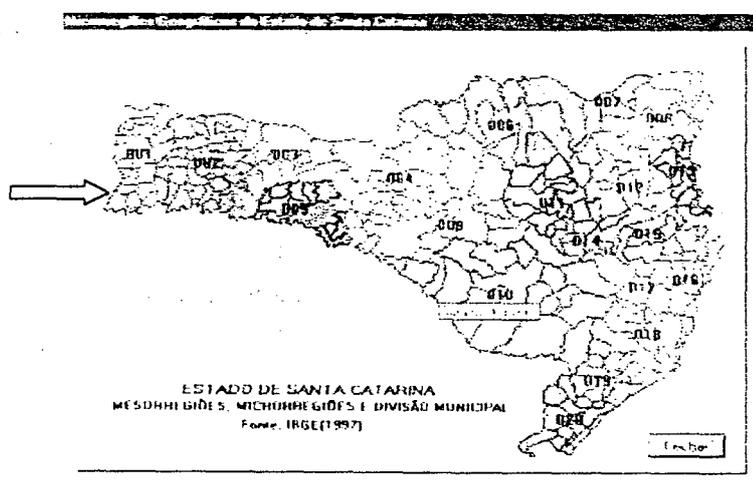
- Adquirir a prática da interação da empresa com o produtor e anexar ao currículo esta experiência que poderá ser um ramo para atuação como profissional.

3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

- Acompanhamento das atividades de manejo e produção de suínos na Unidade de Produção de Leitões (UPL) da Granja SWS, localizada em Iporã do Oeste, SC, de uma granja de recria (Creche) e de uma granja de Terminação, do Sistema Cooperativo da Cooperativa Agropecuária de Itapiranga Ltda. - Cooperita;

- Acompanhamento das atividades profissionais dos técnicos da Cooperita responsáveis pela suinocultura;

- Questionário aplicado aos suinocultores visitados, com o objetivo de verificar o consumo e a fonte da ração suína;



Local de realização do Estágio.

4. PONTOS BÁSICOS AVALIADOS

Sistema de Integração
Sistema Cooperativo
Cadeia produtiva da Suinocultura

5. A IMPORTÂNCIA DA SUINOCULTURA

Ao longo dos últimos 40 milhões de anos os suínos sofreram grandes alterações na sua morfologia e fisiologia. O porco selvagem da antigüidade possuía 70% da massa corporal na região anterior e 30% na região posterior. O porco tipo banha começou sua fase na época da domesticação, há 10 mil anos, e perdurou até o início do século 20. O suíno moderno começou a ser desenvolvido no início do século XX, através do melhoramento genético com o cruzamento de raças puras, e com o objetivo de desenvolver animais com maior percentual de carne em relação à gordura. Pouco tem sido feito para desmistificar a carne suína como vetor de doenças e de colesterol, já que a pesquisa científica mostra que a realidade é diferente. Existe certo otimismo em relação ao futuro da carne suína, pois, dispõe-se de um alimento nutritivo e saboroso, que atende às exigências e necessidades do consumidor moderno. Além disso, há grandes perspectivas da sua utilização na saúde humana.

Por sua semelhança com o homem, várias partes do organismo dos suínos podem ser utilizadas em medicina humana. Desde o fornecimento de substâncias vitais à vida do homem, até a doação de órgãos, os suínos são uma das opções da medicina para aumentar a sobrevivência das pessoas. Os produtos de uso humano, obtidos dos suínos, são: Insulina, ACTH, que é um hormônio para tratamento de artrite e inflamações, medicamentos para glândulas tireóides pouco ativas, pele dos suínos, que pode ser usada temporariamente pelo homem em casos de queimaduras, válvulas cardíacas, que podem ser utilizadas em cirurgias cardíacas, e produção hemoglobina humana com a técnica da Transgenia (ASEMG, 2003).

Outro aspecto a ser considerado é a importância que representa a suinocultura para os pequenos agricultores, que, em Santa Catarina correspondem a grande maioria dos produtores do Extremo Oeste. Verifica-se, no entanto, que com a especialização que está acontecendo na suinocultura, a maioria dos produtores estão sendo marginalizados e muitas vezes forçados a aumentar a escala de produção para poder permanecer na atividade suinícola. A atual crise na suinocultura encontra sua explicação, em parte, no processo de industrialização. Santa Catarina contava, em 1985, com cerca de 60.000 produtores que tinham na suinocultura sua principal fonte de renda, e que produziram naquele ano cerca de 242.000 toneladas de suínos. Atualmente são apenas cerca de 15.000 suinocultores que produzem 688.000 toneladas anuais de suínos (Icepá/SC, 22/05/03).

Tabela 1. Importância Econômica da Suinocultura para Itapiranga nos anos 2001/2002.

Importância Econômica da Suinocultura para Itapiranga			
Ano	Mov.Econ.Agrícola R\$	Suinocultura R\$	%
2001	49.624.254,65	18.931.736,51	38,15
2002	42.003.435,16	15.086.400,84	35,92

Fonte: Prefeitura M. Itapiranga

A tabela 1 mostra que, a suinocultura representou para Itapiranga em 2001 38,15 % do Movimento Econômico Agrícola do Município, e que em 2002 este percentual diminuiu para 35,92 %.

6. BIOSSEGURANÇA

Produzir suínos em escala industrial, como na maioria das atividades agropecuárias, implica em elevados custos de produção, em função, principalmente, de quais tecnologias são empregadas e da constante influência do mercado. Para isso, busca-se constantemente reduzir os custos de produção. Despesas com instalações, alimentação e aquisição de animais podem ser controladas, mas para isso há certos limites. A economia em medicamentos também é uma forma de diminuir os custos de produção, pois as enfermidades, além de provocarem gastos como profilaxia e terapia, prejudicam o desempenho dos animais, conduzindo à queda na rentabilidade do negócio. Para manter os animais saudáveis, o manejo sanitário deve seguir uma série de medidas preventivas, definidas como biossegurança.

O conceito de biossegurança, na suinocultura, é definido pelo desenvolvimento e a implantação de normas rígidas para proteger o rebanho contra o aparecimento de qualquer tipo de agente infeccioso (bactérias, fungos, vírus ou parasito). Centrais de IA (Inseminação Artificial) e granjas que comercializam material genético devem ser certificadas oficialmente como GSMD (granja de suínos com mínimo de doenças).

Embora o uso da IA reduza o risco de transmissão de enfermidades, este risco nunca é eliminado completamente. Mesmo que uma granja ou central de IA seja considerada livre de uma determinada enfermidade, o risco de introdução, não deve ser desprezado, em função de possíveis deficiências nos sistemas de diagnóstico.

A fertilidade do macho possui um efeito significativo sobre a produtividade da granja. Em granjas que utilizam IA, este efeito é potencializado, devido ao grande número de fêmeas servidas com um mesmo macho. O aumento da relação macho : fêmea em programas de IA, potencialmente, pode aumentar a disseminação de enfermidades em caso da utilização de um macho portador de agentes patogênicos. Por exemplo, se um macho produzir 20 doses inseminantes com uma dose de 3×10^9 espermatozoides / ml, e

se estas doses forem contaminadas com patógenos, é possível que diversos rebanhos sejam contaminados, caso tais doses sejam remetidas para granjas diferentes.

Técnicas preventivas devem ser usadas para minimizar o risco de transmissão de enfermidades, desde o momento em que se toma a decisão de comprar um novo macho ou uma dose de sêmen, até o momento em que a fêmea é inseminada. Toda a equipe envolvida em um programa de IA deve ser treinada e motivada para cumprir as normas de biossegurança.

A elaboração de um plano de biossegurança específico para cada situação é crucial para o sucesso de um programa de IA. Doenças de grande impacto econômico, como a Peste Suína Africana e a Síndrome Respiratória Reprodutiva Suína (PRRS), têm sido experimentalmente transmitidas através do sêmen, o que tem feito com que as medidas de biossegurança em relação aos centros de inseminação artificial e aos doadores de sêmen recebam atenção cada vez maior. É importante ressaltar que, até o momento, não houve diagnóstico de PRRS no Brasil.

Antibióticos devem ser agregados aos diluentes para controlar os patógenos e contaminantes bacterianos incorporados ao sêmen durante a coleta e processamento, os quais costumam diminuir a vida útil do sêmen diluído. Porém, este procedimento não elimina os contaminantes presentes nos machos. Portanto, a possibilidade de transmissão de doenças existe, tanto através do sêmen resfriado como do sêmen congelado, já que as técnicas usadas no resfriamento e congelamento permitem a manutenção da patogenicidade de agentes infecciosos. Contudo, nos casos em que o macho é submetido à quarentena, amostras de seu sêmen congelado podem ser armazenadas durante este período, e, posteriormente, utilizadas ou desprezadas, conforme a necessidade.

Por outro lado, a maioria das enfermidades é transmitida pelo contato físico, o que geralmente ocorre quando há reposição de machos ou matrizes do plantel.

6.1. Eficiência Reprodutiva

A eficiência reprodutiva em um plantel de fêmeas suínas é medida pelo número de leitões desmamados/fêmea/ano (LD/F/A), que é influenciada pelos seguintes fatores:

- número de leitegadas desmamadas/fêmea/ano, influenciado pelos Dias Não Produtivos e pela duração de lactação;
- número de leitões desmamados/fêmea/ano, influenciado pelo total de leitões nascidos por leitegada, pela porcentagem de leitões natimortos por leitegada e pela mortalidade pré-desmame.

6.2. Doenças mais recentes

Os suínos são susceptíveis a diversas doenças, mas atualmente duas doenças têm causado sérios prejuízos para a atividade. Essas doenças são:

6.2.1. Aujeszky

Causa aborto no final da gestação, ocasiona alta mortalidade na maternidade, podendo provocar a morte de 80-90% dos leitões. Causa rápida contaminação do plantel. Nos três municípios de abrangência da Cooperita, foram constatados 45 focos primários, os quais tiveram seus plantéis eliminados para erradicação da doença.

Foco primário – Matrizes infectadas com sorologia positiva.

Foco Secundário – Leitões terminados, sem sorologia positiva e vindos de matrizes vacinadas. Pode-se abater e consumir a carne de qualquer forma.

6.2.2. Linfadenite

O consumo da carne dos animais que apresentam linfadenite, deve ser feita apenas na forma de embutidos que recebam fervura, como por exemplo, o presunto. O produtor não recebe incentivo na venda de animais que apresentem esta doença, e ainda perde 10 % no preço do suíno.

7. COOPERATIVA AGROPECUÁRIA ITAPIRANGA (COOPERITA)

7.1. Histórico da Cooperita

Em 10 de setembro de 1967 foi realizada a Assembléia de Constituição da Cooperita, tendo como local a Associação Católica Kolping de Itapiranga. Filiada a OCESC (Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina), Cooperativa Central Oeste Catarinense – Coopercentral/Chapecó, desde 1971, com repasse de 1% da movimentação financeira. Foram obtidos os melhores índices econômicos entre as Cooperativas Catarinenses, pela Cooperita nos anos de 1985 e 1986. Em 25 de julho de 1988 foi inaugurado o novo prédio da Cooperita – Matriz, medindo 2.916m².

Em 1998, a cooperativa estendeu seu programa de qualidade, para seu quadro social, sendo a primeira cooperativa no Estado a implantar o programa “5-S”, chamado “De Olho”, em parceria com a Coopercentral. A cooperativa passou então a dar prioridade à transformação da matéria prima e industrialização da produção agropecuária dos cooperados. Em 2002 foram feitos investimentos com recursos próprios, no valor de 4,5 milhões de reais, tendo sido adquirido um frigorífico com capacidade de abate de 400 suínos por dia. Neste mesmo ano a Cooperita apresentou o maior faturamento de sua história ao seu quadro social, com sobra líquida que representou uma remuneração média de 42% sobre o capital integralizado dos cooperados (Cooperita, 2003).

Quadro 1. Histórico da COOPERITA

COOPERITA – Cooperativa Agropecuária Itapiranga	
- Fundada em	1967;
- Conta atualmente com um quadro de	987 sócios;
- 1998 – começa o sistema de parceria na suinocultura:	
- 2002 apresenta os seguintes nº:	
Parceiros –	144
UPL's –	77
Creches –	4
- Dez/2002 –	32.532 suínos alojados;
- Representa 25.6% da atividade suína, dos municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis;	
- Atividade suína representa 30% do faturamento da Cooperita.	

7.1.1. Atividades na Cooperita

O contato na Cooperita deu-se com o Eng. Agrônomo Celiomar J. Cristani, que foi o Supervisor do Estágio em nosso trabalho de campo. O mesmo apresentou o Médico Veterinário Rainer, funcionário da Aurora, o qual foi cedido a Cooperita para organização da produção suína, e a quem acompanhamos nas visitas aos produtores de suínos. Além de Rainer, o corpo técnico era formado por mais 1 técnico agrícola da Cooperativa Aurora, 5 técnicos da Cooperita, 3 Eng. Agrônomos da Cooperita, cada um sediado em um dos municípios de abrangência da Cooperita (Itapiranga, São João do Oeste, Tunápolis) e um Médico Veterinário da Cooperita.

Durante o estágio foram demitidos o Médico Veterinário Saldanha, com 17 anos de empresa, o único disponível para atender os quase mil associados da Cooperita, e o Eng. Agrônomo Ronaldo Zimmer, com 4 anos de empresa. A alegação para este ato administrativo foi de que era necessário cortar gastos. Entretanto, com o passar dos dias percebeu-se que a assinatura pelo Presidente da República do decreto lei Nº 4560, que entrou em vigor na data de 30/12/2002, conferindo aos técnicos agrícolas, atribuições que eram de exclusividade dos profissionais acima citados, trouxe a possibilidade para a Cooperita de deslocar os seus técnicos para assumirem as funções dos Agrônomos.

Durante o período de estágio com visita aos produtores agropecuários aplicamos um questionário direcionado aos suinocultores, com o intuito de obter maiores informações sobre a realidade dos produtores com relação à obtenção da ração para os suínos (Anexo1).

Outras atividades desempenhadas durante o estágio foram: Participação no III Show Agropecuário - Cooperita, dias 17, 18 e 19 de janeiro de 2003. Na oportunidade atuamos em conjunto com a equipe da Cooperativa na organização do evento, e atuamos como guia de grupos de agricultores nas visitas aos estandes das empresas produtoras de sementes. Estavam expondo 8 empresas, com 54 cultivares de milho híbrido simples, duplo e triplo, e 5 cultivares de sorgo forrageiro, para pastoreio direto e silagem.

Nas visitas aos produtores tivemos contato com suinocultores parceiros, integrados e interessados em ingressar no sistema de parceria, com a cooperativa.

Em Assembléia realizada no dia 30/01/03, foram reeleitos o Presidente – Egon Grins, Vice-Presidente – Alberto Lengert, Secretário – Nelson Soethe. Na mesma foi aprovado o orçamento para 2003 no valor de R\$ 68.347.173,00, com um resultado esperado de R\$ 1.500.000,00. Em 2003, a atividade suína deverá movimentar um total de 162.000 cabeças, contra as 104.000 de 2002, dos quais 60.000 deverão ser abatidos no Frigorífico Spitze, comprado em 2002, para industrialização de embutidos, o qual tem uma capacidade instalada de 400 suínos/dia. A intenção é de no final do ano de 2003 fazer um estudo para abater Bovinos.

Participamos também de reunião com a Polícia Ambiental, na pessoa do Aspirante Rambusch, do Comando da Polícia Ambiental de SMO. O mesmo trouxe a proposta de fazer um trabalho em conjunto com a Cooperita, de conscientização para preservação e não poluição do ambiente através da suinocultura.

8. ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS

8.1. Unidade de Produção de Leitões (UPL) - GRANJA SWS

Granja produtora de Leitões para Avipal, empresa do Rio Grande do Sul, e que atua no sistema parceria. Os leitões são criados até o desmame em torno de 21 dias de idade, e são comercializados com peso mínimo de 6 Kg. As matrizes existentes na granja provêm da empresa Genética Seghers. Atualmente a granja apresenta os seguintes números:

Tabela 02 – Animais da Granja SWS

Matrizes	450
Reprodutores	10
Leitões entregues por semana	150
Matrizes em gestação	355
Matrizes em lactação	74
Matrizes em dias não produtivos	21

A granja dispõem de 5 funcionários e colaboradores, que atuam nos turnos do dia e da noite.

A rotina estabelecida para as atividades na granja é a seguinte:

7:00 h - trato às gestantes, limpeza das baias, troca água dos cochos, identificação de cio, pintura com cal;

10:00 h – Arraçoamento de matrizes, com ração úmida, limpeza das baias e trato dos leitões no comedouro, limpeza e levantamento das matrizes, mistura de ração, recebimento de farelo de soja e trigo;

14:00 h – Repasse do macho para identificação de cio, coleta em torno de 18:00h, acompanhamento de partos (3 simultaneamente), com 14 nascidos e 1 NTM, 10 e 7 nascidos, respectivamente. Uma porca pariu com 110 dias de gestação;

17:00 h – Arraçoamento das fêmeas gestantes, inseminação (9:00 e 19:00 h), desmame e carregamento de leitões com média geral de 6 Kg, retirada das matrizes para gestação, limpeza das baias para recebimento no dia seguinte de gestantes;

22:00 h – Arraçoamento das matrizes, aplicação de ferro e Suinox, marcação de pique nº 30 (identificação da granja para a Avipal), corte da cauda com cauterização, corte do dente com reboło, castração;

02:00 h – Levantamento das gestantes para beberem água e limpeza das baias, mistura de ração;

Tabela 03 - Ração fornecida diariamente às matrizes conforme o tempo de gestação.

Classe Animal	0-30 Dias	30-60 Dias	60-90 Dias	90-100 Dias	100-114 Dias
Gestação	2 Kg	2,6 Kg	2,8 Kg	3 Kg	3 Kg à 0 Kg no 114 Dia

A ração é fornecida 2 vezes ao dia: às 7:00 e às 17:00 h.

Observação: Durante a lactação, do 1° ao 4° dia, trata-se as matrizes, começando com 0,5 kg no 1° dia; e acrescentando 0,5 Kg a cada dia; a partir do 5° dia fornece-se ração à vontade. O objetivo desta prática é evitar o excesso de leite nos primeiros dias da lactação. Para os leitões a ração fornecida é peletizada para estimular o consumo. Ração para suíno inicial Baby ou Leitão precoce – Aurora.

Tabela 04 - Formulação das rações fornecidas na Granja SWS.

FORMULAÇÃO	Gestação/Kg	Gestação/Kg	Lactação Verão/Kg	Lactação Verão/Kg	Lactação Inverno/Kg
Milho moído – Grão úmido	82	169	72	160	78
Milho moído – Grão seco	93	-	83	-	87
Farelo de soja moído	65	71	75	80	75
Óleo degomado de soja	-	-	10	10	-
Núcleo Fatec QO/suinúcleo	10	10	10	10	10
Aminoblend – Sivam	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Nuvital	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Mycosorb	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2

As formulações das rações dependem da disponibilidade de Milho, na forma de silagem de grão úmido e da estação climática do ano. Para não haver desconforto pelo calor, ocorrendo o máximo consumo possível de ração, assim favorecendo a produção leiteira.

As principais doenças observadas em leitões têm sido: artrite e cistite, e o tratamento tem sido feito com pecilvet- penicilina.

Relação de medicamentos utilizados na Granja SWS:

Nome Comercial	Utilização
Calfomag	Fonte de cálcio
Furacin Solução	Queimaduras
ADE Perini	Polivitamínico
Bio-Fer	Antianêmico a base de ferro-dextrano
Denagard (tiamulin base)	Antibiótico, infecções por mycoplasma
Diclofenaco 50	Antiinflamatório
Acepron 1%	Pré-anestésico
Anestésico Bravet Cloridrato de Lidocaina 2%	Anestésico
Preloban-D Cloprostenol Prostaglandina Sintética	Desordens funcionais do cio
Hipermec, Ivermectina	Antelmíntico
Mercepton	Antitóxico
Pradotectum	Antitóxico
Dornil (Dipirona Sódica)	Analgésico
Pironal	Analgésico, antipirético, antireumático, espasmolítico
Topcef - (Ceftiofur sódico)	Antimicrobiano, infecções respiratórias e geniturinárias
Tyladen (Tilosina)	Doenças infecciosas
Agrovet OS (penicilina)	Doenças infecciosas
Tetra LA (oxitetraciclina 200 mg)	Antibiótico
Solutetra LA (oxitetraciclina 200 mg)	Antibiótico
Reverin LA plus (oxitetraciclina + Diclofenaco sódico)	Antibiótico com antiinflamatório
Tetradur LA-300 (Diidrato de oxitetraciclina)	Antibiótico
Pencivet PPU plus (penicilina)	Antibiótico para leitões
Clamoxyl LA (amoxicilina)	Antibiótico
Terramicina/LA (oxitetraciclina dihidratada)	Antibiótico

Um problema observado na granja tem sido a falta de apetite generalizada das fêmeas em lactação. Observamos que algumas fêmeas deixaram de produzir leite tendo que se transferir seus leitões para outras matrizes. Fato este, ocorrido após a chegada de um lote de 60 marrãs de Braço do Norte/SC, conforme Benjamim. Os procedimentos de

manejo e do alimento fornecido foram analisados e considerou-se que estavam corretos. O problema foi resolvido com um tratamento de choque com Controlbac (oxitetraciclina), após do uso de Cloreto de amônia (2Kg/t de ração), Clortetraciclina + Sulfametoxazol.

Realizamos também estudos de campo, objetivando a implantação de um silo de grão úmido de milho, próximo à fábrica de ração. Por experiências anteriores do produtor com o plantio de milho, na mesma área, o clima e a variedade plantada, este estimou que a produção em torno de 150 sacas de 60 kg por hectare, o que, para os 20 hectares plantados, representa uma produção de 180.000 kg de grãos. Em estudos da empresa Cargill, a silagem de grão úmido, colhido com 32-36% de umidade, a densidade é de aproximadamente 1000 Kg/m³. Com este resultado chegou-se a conclusão de construir um silo medindo 10mx9mx2m, para armazenar os 180 m³ de produto.

8.2. Crecheiro

Proprietário - BRUNO SCHAEFER

Localizada em Linha Baú, a granja tem capacidade de alojamento de até 2200 leitões, no momento da visitação estava alojada com 1980 leitões, em piso com cama de maravalha sobreposta, que é revolvida diariamente.

Em depoimento do funcionário, Sr. Estanislau, observou-se que a afinidade do trabalho com suínos traz a satisfação e o capricho necessários para a boa produção. Em uma granja de suínos necessita-se observar a evolução e o estado dos animais, medicar os animais doentes, fazer a identificação correta dos sintomas e do diagnóstico de doenças, e a medição da temperatura corporal e do ambiente. A relação patrão/empregado, se dá de forma que haja satisfação do empregado, e deve ser embasada na confiança e comprometimento com a atividade.

A granja por ser foco secundário de Aujezki, está sendo desalojada para desinfecção e vazio sanitário. Neste processo de paralisação será mudada a forma das instalações, passando para confinado sobre piso de concreto, para eliminar problemas com a doença linfadenite, a qual se expressa no manejo dos animais em cama sobreposta.

O motivo da necessidade de mudança do sistema de piso, é a desuniformidade dos lotes de leitões, que são fornecidos por vários criadores da região, os quais possuem instalações antigas onde a doença linfadenite ocorre há muito tempo. Em torno de 80% dos criadores estão nestas condições, o que dificulta o controle da doença, conforme depoimento pessoal do Sr. Rainer.

O manejo da cama é feito sem reposição da maravalha, mas com revolvimento da mesma, que resulta em uma compostagem com camadas úmida e seca. Este manejo é feito a cada lote, podendo ficar até 2 anos.

Os leitões chegam na creche com 16 a 18 dias de idade, e 5,7 Kg de peso vivo médio, (sistema diferente da UPL da Granja SWS, que é ligada a empresa Avipal, onde os leitões são desmamados com peso mínimo de 6 Kg). Os lotes permanecem de 26-48 dias, e 35 dias em média, saindo com peso mínimo de 23 Kg. Na creche, cada leitão recebe 3 Kg de ração Pré –inicial I, 5 Kg de ração Pré - inicial II, e ração Inicial até saírem da creche.

Antes de entrar um novo lote, é feita à desinfecção da cama com “Trek-top” e a pintura das paredes e divisórias com cal.

8.3. Ciclo De Terminação

Proprietário – SÍLVIO JAHEN

A propriedade localizada em Linha Baú, Itapiranga/SC, é Parceira Integrada da Cooperita na produção de suínos. Recebe quadrimestralmente em torno de 300 animais para terminação, que são criados em dois galpões com área total 300 m². Os dejetos produzidos pelos animais são depositados em uma esterqueira de 270 m³. O proprietário exerce esta atividade por gostar de cuidar dos animais, e com isto tem um complemento de renda para sua propriedade. Além da suinocultura, desenvolve outras atividades tais como a Avicultura e a Produção Leiteira. Possui um aviário para 15.000 aves, integrado à Seara Alimentos, 5 hectares de pastagens e 8 hectares de campo naturalizado, com 14 vacas em lactação, com produção diária de 150 l de leite, alimentadas somente à base de pasto.

Os dados de um lote de suínos criados na propriedade são apresentados a seguir:

Alojamento:	24-07-02
Abate:	10-01-03
Idade do lote:	117 dias
Leitões fornecidos:	307 cab
Animais entregues:	301 cab
Peso médio leitões:	22,938 Kg
Consumo médio de insumos:	250,797 Kg
Consumo total:	75490 Kg
Peso médio carcaça:	83,151 Kg
Peso médio vivo:	112,367 Kg
Crescimento no período:	89,429 Kg
Crescimento diário:	0,764 Kg
Conversão alimentar:	2,819 Kg / Kg vivo
Percentual de carne magra:	57,98 %
Tipificação:	111,70 %
Percentual de remuneração:	6,0032%

Pagamento parceiro:	R\$ 3274,65
Valor médio por cabeça:	R\$ 10,88
Ração RSUI03 medicada:	6040 Kg
Ração RSUI03:	11680 Kg
Ração RSUI04 medicada:	9280 Kg
Ração RSUI04:	25150 Kg
Ração RSUI06:	23340 Kg
Total da ração:	75490 Kg
Funrural:	R\$ 75,32

O volume diário de ração fornecida por animal depende da observação do tratador, o qual deve atentar para que os suínos comam toda a ração, num período de 30 minutos, e de preferência que todos os animais se alimentem simultaneamente, com o objetivo de evitar a dominância hierárquica e desperdício de ração. A alimentação é feita em dois arraçoamentos ao dia.

8.4. Tomada de decisão do produtor

Percebe-se que o produtor precisa ter ou procurar o conhecimento para resolução dos problemas, de acordo com as suas próprias condições, pois mesmo sendo vinculado a uma instituição, ele não recebe a assistência necessária e esperada. Por isso, aquele que não tiver contato com pessoas da linha de pesquisa e ponta de produção, está sujeito a lançar mão de produtos e atos que não resultem no que é desejado.

Em depoimento, agricultores manifestaram que os Engenheiros Agrônomos e outros profissionais em agricultura deveriam entender mais de mercado e economia para auxiliar na tomada de decisão. Deveriam informar ao produtor quando é o momento correto de se tomar decisões, auxiliar a enxergar as potencialidades e o que pode ser mudado na propriedade. Isso tudo com uma abordagem que não tome o lado negativo da proposta.

A tomada de decisão dos produtores passa pela análise das experiências vividas ou conhecimento adquirido com literaturas, obtidas por curiosidade ou fornecidas por empresas distribuidoras de produtos, cujos técnicos visitam e dão assistência em caso de necessidade. As decisões são tomadas baseadas em:

- Preço;
- Confiança no produto;
- Como experiência, comparando uma amostra com o resto dos animais;
- Por ser cliente, ganhar descontos maiores;
- Compra o que quer e precisa;
- Busca informações com especialistas, de acordo com o problema existente;

- Estudo da realidade para traçar e alcançar metas estabelecidas ;
- Controle das atividades e produção;
- Análise em planilha dos custos e receitas em forma de orçamento, para saber por exemplo quanto milho plantar ou comprar;

9. EXPECTATIVAS DA SUINOCULTURA

A expectativa de retomada prática das exportações para a Rússia ainda não concretizadas na época do estágio continua a afetar o desempenho da atividade. O excedente de produção estocado no sul do país, causada pela quarentena imposta aos municípios que apresentaram focos da doença de Aujeszky, ainda está sendo escoado nos grandes centros consumidores, causando a queda dos preços do suíno vivo. No entanto, não deve atrapalhar os planos de retomada das exportações, pois há procura pelas empresas catarinenses que ganharam credibilidade e a preferência do consumidor russo.

Precisa-se recuperar os preços para viabilizar novamente a suinocultura, pois somente em Santa Catarina os suinocultores devem ao Banco do Brasil R\$ 180 milhões (Porkworld, 2003).

As tabelas a seguir mostram a projeção de exportação da carne suína, a relação de troca Kg de suíno por milho e soja e os preços praticados em diferentes países.

Tabela 05 - Exportação de Carne suína

Ano	mil toneladas
1999	128
2000	266
2001	350
2002	401
2003	441
2004	476
2005	505

Fonte: Porkworld Anuário 2003. Pg. 28

Tabela 06 - Relação de troca suíno/milho de 1998 a 2002

	Preço/Suíno (US\$/ Kg vivo)	Milho (US\$/Kg)	Relação suíno/milho
1998	0,88	0,138	6,37
1999	0,70	0,107	6,54
2000	0,74	0,133	5,56
2001	0,64	0,080	8,00
2002	0,50	0,095	5,26
Nov/02	0,50	0,142	3,52

Fonte: Porkworld anuário e guia 2003. Pg. 22.

Tabela 07 - Relação de troca suíno/farelo de soja 1998 a 2002

	Preço/Suíno	Preço Farelo de soja	Relação Suíno/F. Soja
1998	0,88	0,167	5,26
1999	0,70	0,150	4,66
2000	0,74	0,182	4,06
2001	0,64	0,187	3,42
2002	0,50	0,176	2,84
Nov/02	0,51	0,211	2,41

Fonte: Porkworld anuário e guia 2003. Pg.22

Tabela 08 - Preço recebido pelos suinocultores em 2002

País	Custo de Produção (US\$ p/Kg v.)	Preço de Venda (US\$ p/Kg v.)
Brasil	0,57	0,39
Chile	0,67	0,72
Canadá	0,72	0,92
EUA	0,70	0,94
México	0,90	1,30
França	1,30	1,60
Dinamarca	1,40	1,60

Fonte: Porkworld 2003, Base:SC

Podemos observar que a carne suína é mais valorizada nos outros países do que no Brasil, apesar do custo brasileiro ser o menor, é o único no qual os produtores amargam prejuízos. Ainda, considerando a relação de troca do preço suíno com farelo de soja e milho, percebe-se que, as "commodities" estão sendo valorizadas em relação ao suíno a cada ano que passa.

10. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na suinocultura é fundamental gerenciar custos, assim, devemos focar no que mais pesa nos custos de produção, onde o item de maior participação é a alimentação. Por isso, buscar alternativas para melhorar a eficiência da conversão do alimento em quilos de carne passa a ser fundamental para viabilizar o setor.

É importante estar atento às condições do mercado de grãos e verificar como a granja está inserida dentro desta realidade. A nível mundial o atual quadro indica baixa oferta, altos preços e quebra da safra americana de grãos, a qual baixou a produção em 21 milhões de toneladas. Na Argentina, devido à crise econômica, houve redução da área plantada. A China é que poderá contribuir para o equilíbrio, com uma disponibilidade de 10 milhões de toneladas. Com relação ao mercado interno, estamos com baixos estoques e redução na área plantada para esta safra. Mesmo com a grande necessidade, já há negócios de exportação firmados, o que sugere que os suinocultores terão mais um ano com dificuldades para a compra dos principais componentes da ração, que são o milho e a soja.

Assim, a Conversão Alimentar (CA), que é o mais importante componente dos custos de produção, passa a ser mais importante ainda neste momento. Os poucos ganhos de melhoria da conversão alimentar poderão ter reflexos importantes nos custos de produção.

Como são vários, os fatores que afetam a CA de uma granja, devemos estar atentos, principalmente, ao desperdício de ração, genética, doenças respiratórias e entéricas, qualidade da matéria-prima, forma de arraçoamento, ambiente e promotor de crescimento. Todos esses itens devem ser constantemente avaliados.

Nas unidades que fazem apenas a fase final da produção, em lotes no sistema "todos dentro todos fora", essa informação é fácil de ser obtida, pois normalmente tem-se o peso de entrada e de saída dos animais, assim como o total de ração que foi consumida. Já nos sistemas de fluxo contínuo (granjas de ciclo completo), normalmente trabalha-se com a CA de plantel e não de suíno terminado. Ambas são importantes, desde que bem controladas e avaliadas para saber se estamos dentro de padrões normais. O que se considera como "normal" é diferente para cada granja, pois depende principalmente da genética e do peso com que os animais são abatidos, porém, é necessário estar atento aos fatores que influenciam negativamente os números da granja.

Na grande maioria dos casos, uma alta CA está associada a enfermidades nas granjas, sejam entéricas ou respiratórias. As perdas ocorrem não só pelo aumento do custo em função do maior consumo de ração ou pela venda de animais mais leves, como também pela menor taxa de ocupação das instalações (fluxo de suínos). Quanto maior a taxa de ocupação das instalações, mais rapidamente ocorrerá sua depreciação, por isso, é

importante que se estabeleça metas nos diversos setores. Para que as idéias sejam implementadas, é necessário um trabalho em equipe e que esteja preparada em relação as medidas que devem ser adotadas, para atingir um bom fluxo de produção.

É importante definir e alinhar os objetivos e desafios de cada setor no início do ano produtivo, para que possam ser feitas previsões de faturamento e gastos anuais, dessa forma a produção de suínos passa a ser vista como um negócio (ELANCO, 2003).

Em termos de genética de suínos, os cruzamentos utilizados pela Cooperativa Aurora são os de fêmeas F1 Landrace x Large White com machos 62% Pietran + Duroc + Large White, visando obter suínos de abate para a Aurora. A suinocultura tem em torno de 7% de incremento genético por ano, o que exige a correta formulação e ração de qualidade superior, conforme o Médico Veterinário Rainer, 2003.

Conforme a tabela 08, observa-se que o Brasil tem o menor custo de produção, mas o preço de venda é inferior ao custo, com prejuízo para os produtores. É possível que isto esteja ocorrendo por haver uma grande oferta e os produtores terem que se sujeitar ao preço oferecido. Isso deflagra uma falha na organização da produção, com relação à demanda de mercado, mesmo que a grande parte dos animais criados seja proveniente de parcerias com agroindústrias ou cooperativas agropecuárias.

Tabela 09. Distribuição dos suínos nos municípios de Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste, conforme dados da Cidasc em outubro/2002.

Matrizes	15.225
Creche/Terminação	107.678
Outros	15.444
Total de animais	138.347

Fonte: Entrevista com escritório local Cidasc, dados de Outubro/2002

Para aplicação do questionário aos agricultores visitados, utilizamos o seguinte critério: o produtor deve ser o responsável pela obtenção da ração utilizada na propriedade, com isto, são excluídos aqueles que fazem parte do sistema de parceria.

Todos os suinocultores visitados são ligados a Cooperita. Foi aplicado o questionário a 17 produtores visitados. Esta amostragem, corresponde ao número de produtores que foi possível visitar no período do estágio, pois, decidiu-se interferir o mínimo possível na rotina dos técnicos. Assim, ao longo do Estágio, foram visitadas várias outras propriedades, muitas delas no sistema de parceria com a Cooperita.

Aos produtores que foi aplicado o questionário (Anexo 1), obteve-se os seguintes resultados médios para as questões respondidas:

1. Sistema de Criação?

<i>Confinado:</i>	<i>17 (100%)</i>
-------------------	------------------
2. Ciclo de Produção?

<i>Completo:</i>	<i>06 (35%)</i>
<i>UPL:</i>	<i>04 (24%)</i>
<i>UPL + Creche:</i>	<i>07 (41%)</i>
3. Quantas Matrizes?

84 matrizes por produtor.
4. Quantos animais entregues por ano?

08 produtores - Leitões saídos de creche: 1265
06 produtores - Suínos Terminados: 1459
04 produtores - Leitões 6 Kg: 1842
5. Leitegadas/porca/ano?

leitegadas por ano: 2,2
6. Número de leitões nascidos?

<i>Vivos:</i>	<i>10,60 leitões</i>
<i>Desmame:</i>	<i>9,59 leitões</i>
7. Quantos Kg de ração trata por dia?

<i>Porca em Gestação?</i>	<i>2,22 Kg</i>
<i>Porca em Lactação?</i>	<i>5,22 Kg</i>
<i>Leitão de Creche (Valores totais)?</i>	<i>29,43 Kg</i>
<i>Terminação?</i>	<i>2,16 Kg</i>
8. Produz milho?

<i>Quantos há?</i>	<i>11,79 há</i>
<i>Quantos sacos?</i>	<i>1366, ou 115,86 sc/há., incluindo aqueles que plantam na safrinha</i>
9. Produz outro ingrediente da ração? Quanto?

Apenas 2 produtores plantam soja no total de 10ha e colhem 340 sc.
Apenas 1 produtor colhe trigo, 150 sacos
10. Compra algum ingrediente da ração? Qual? Quantos sacos ano?

<i>Farelo de Soja, Não:</i>	<i>5</i>
<i>Sim:</i>	<i>12/ média de 5223 Kg/mês</i>
<i>Farelo de Trigo, Não:</i>	<i>8</i>
<i>Sim:</i>	<i>9/ média de 1055 kg/mês</i>
<i>Milho, sim:</i>	<i>7/ Média de 3400 sacos</i>

11. Gostaria de Produzir a ração necessária? Por quê?

Sim: 06

Não: 03

Já produz: 04

Obs: Em vários depoimentos disseram que sim, no entanto, não tem terra ou não conseguem arrendar.

12. A quanto tempo trabalha com suínos?

Média de 22,5 anos.

13. O que o levou a investir na suinocultura?

Tradição Familiar: 05

Lucro com a atividade: 02

Diversificação das atividades na propriedade: 02

Utilizar os insumos da propriedade: 01

14. Quais os maiores problemas enfrentados atualmente?

As respostas resumem-se nos seguintes aspectos: o alto preço dos insumos, oscilação do mercado, instalações inadequadas, doenças endêmicas, destino dos dejetos, os intermediários aumentam o custo, e transporte.

Com base na tabela 03, da Granja SWS (UPL), em que foram acompanhados os trabalhos de produção e comparados aos resultados do questionário, podemos afirmar que na UPL são tratados em média de 2,47 Kg de ração para as porcas gestantes, diferente da média observada, na pesquisa que é de 2,2 Kg.

O número de leitegadas/porca/ano é de 2,2, o número de leitões desmamados é de 9,59. Conforme Relatório Técnico do Programa de Parceria/2002 da Cooperita, para cada matriz são necessários 1100Kg de ração por ano, e para cada suíno terminado com 100Kg de peso vivo, tendo-se conversão alimentar de 2,98, que se apresenta da seguinte forma:

Tabela 10. Volume de ração necessário para produção de suínos.

Matrizes	Ração/t	Leitões/ano	Ração t/100Kg p.v.	Ração t/Leitões	Total da Ração t.
1	1,1	21	0,298	6,258	7,358
15225	16747,5	319725	0,298	95278,05	112025,55

Assim, concluímos que, para os animais hoje existentes na região de abrangência da Cooperita, a necessidade de ração é na ordem de 112.025,55 t, e ainda; considerando as formulações da tabela 04, que nos apresenta a necessidade de 67,6% de milho, e 28,4% de farelo de soja, conclui-se que são necessários 1.262.154,53 sacos de milho e 31.815,25 t de farelo de soja para satisfazer a alimentação dos animais no período de um ano.

Conforme dados estimados para safra de 2002/2003, em Itapiranga serão semeados 8.000 hectares com milho. Considerando-se ainda uma produtividade de 85 sc/há. (média regional), teremos 680.000 sacas de milho produzidas, a outra parte da produção necessária fica ao encargo dos municípios de Tunápolis e São João do Oeste. No entanto, é importante lembrar que o milho produzido na região, além da suinocultura, tem grande demanda para a produção avícola e para a bacia leiteira, que tem considerável importância na região.

Com isso a opção disponível é a de importar milho de outros estados ou países, ou então, de utilizar alternativas que substituam a necessidade de milho ou farelo de soja, como fontes energéticas ou protéicas na composição de rações que satisfaçam os níveis nutricionais exigidos pelos animais.

Como o modelo de economia em que estamos inseridos requer o máximo de pessoas e atividades atreladas, os produtores também precisam contribuir com a sua parte, que é fazer girar o capital. Percebe-se que os produtores são muito dependentes de tecnologia externa, e não se sentem livres para fazer a sua própria agricultura. Assim, eles têm certa dificuldade de lançar mão de formas alternativas de produção, o que poderia trazer-lhes incremento de renda.

Para a suinocultura, é necessário buscar mercado, ter um controle sanitário rígido, e baixar o custo de produção. Para baixar o custo de produção, o produtor de suínos pode utilizar o potencial alimentício que possui na propriedade, produzindo os insumos para a ração de seus animais. Neste caso, sair do padrão tradicional que é a utilização de milho e farelo de soja, substituindo-os, total ou parcialmente por farelo de algodão, farelo de amendoim, farelo de arroz, grãos de aveia, banana madura, batata inglesa, batata doce raiz e ramas em silagem, farelo de babaçu, cama de aviário, cana-de-açúcar, cevada, centeio, farinha de carne e ossos, grãos de centeio, farinha de polpa de citrus, farelo de colza, couve-folha, ervilha forrageira in natura, farinha de feijão comum, feijão guandu torrado, farinha de resíduo de frango, farelo de girassol, resíduos de incubatório, farinha de mandioca, mandioca integral, raspa desidratada de mandioca, melaço, milho 2,5 e 4,5% de proteína, milheto, soja cozida, grãos de soja integral tostada, soro de leite desidratado, sorgo (observando os níveis de tanino), tremoço, grãos de trigo, farelo de trigo, trigo mourisco, triticale, farinha de vísceras, sempre respeitando os níveis nutricionais necessários.

Podendo assim, agregar valor à propriedade rural, minimizando os efeitos de alternância da renda com a atividade suinícola.

A Embrapa Suínos e Aves, de Concórdia (SC), e a Embrapa Trigo, de Passo Fundo (RS), estão incentivando o uso de ervilha forrageira na alimentação de suínos, in natura ou na ração, substituindo parte do farelo de soja e de milho, por possuir um alto valor

energético, comparado ao do milho; a ervilha tem 22% de proteína, comparada com 9% de proteína do milho. E ainda, não precisa receber tratamento antitérmico para desativar os fatores antinutricionais, que reduzem a digestibilidade, como ocorre com a soja.

Depois de colhida, seca e moída, a ervilha entra na ração suína, substituindo 10% a 15% do farelo de soja ou o milho. Quando cultivada no outono/inverno, a ervilha forrageira é colhida entre outubro e dezembro, proporcionando boa palhada para receber o milho. “É uma opção de cultivo de inverno em regiões que não têm condições de plantio da safrinha”. Estão sendo pesquisadas sete cultivares de ervilha, com destaque para a *alfetta*. “É a única no País que possui tegumento amarelo, apropriada para o uso animal”, conforme Gilberto Omar Tomm, da Embrapa Trigo, (*Porkworld*).

Percebemos também que há muito desperdício de ração, de milho e de outros ingredientes, pelo fato de não serem observadas as formulações e quantidades fornecidas de ração. Isto pode acontecer por ser costumeiro o uso de medidas por caneco ou balde, o que possibilita a variação de 30% na quantidade necessária, que muitas vezes faz com que os animais tenham excesso de peso.

Outro aspecto de grande relevância é a poluição dos recursos hídricos, que está em parte relacionada ao fornecimento de nutrientes das rações e dejetos, principalmente de N (Nitrogênio) e P (Fósforo), que favorecem a eutrofização, e conseqüentemente, a mortalidade da fauna constituinte dos mananciais.

Deve-se cuidar ao concentrar o problema somente na suinocultura, acusando-a do comprometimento dos recursos hídricos, de poluir açudes, riachos, fontes, rios, ou ainda, poluir o ar através da concentração de amônia nas pocilgas. É preciso estar atento ao fato de que o agricultor deve ser informado sobre poluição. E quais conseqüências esta poluição trará para as futuras gerações. Somente após isso, poderemos cobrar, se preciso for, de alguém que vive e usufrui a natureza como é o caso dos agricultores, pela preservação dos recursos que lhes está a disposição. Já que o agricultor que trabalha com suinocultura também é produtor de grãos, leite, fumo, e aves. Tornando-se consciente da sua importância para a sociedade, ele irá preservar com outra percepção dos seus atos. E cuidará para que o adubo orgânico ou químico que deposita em sua lavoura ou pastagem, não esteja em excesso, e que não seja transportado pela chuva ou gravidade a locais onde haja água, pois sabemos que nossos córregos não têm população o suficiente para consumir as algas e microanimais criados com este fornecimento e N e P.

11. CONCLUSÃO

Por ocasião da assistência técnica fornecida aos agricultores, verificamos que estes são bem receptivos às sugestões do técnico que acompanha a propriedade, faltalhes, no entanto, o hábito de anotar para ter subsídios contábeis, e poder calcular os custos de produção das atividades existentes na propriedade, especialmente os custos indiretos, dificultando uma avaliação da real situação econômica de cada criação. Praticamente todos os produtores entrevistados, não possuem controle sobre as quantidades de ração fornecidas e sobre as necessidades dos animais, sendo estes sempre aproximados,.

A tomada de decisão se dá sobre eventuais cálculos feitos por alguém que deseja vender algo, sem bases sólidas para os cálculos da atividade desenvolvida, observando-se, em decorrência, a descapitalização crescente. Assim, o produtor consome todas as reservas possíveis da propriedade, tomando-se necessário injetar dinheiro externo, desagregando capital existente, por vezes estendendo até a falência financeira. Com isso, pode tornar-se mais um sem terra, sem teto, ou desempregado, aumentando os problemas sociais já existentes no Brasil.

Caso o agricultor tome-se consciente a respeito dos desperdícios que possam estar ocorrendo em sua propriedade, este poderá utilizar os recursos e potencialidades da sua região, além de conhecer a situação do mercado, para ter a suinocultura como um negócio que faz parte da cadeia agrícola em que está inserido, desta forma maximizando os esforço que dispense para a atividade, o que retornará como incremento de renda.

Cabe a nós, técnicos, levar aos agricultores, noções de organização e motivação para que estes fiquem e tornem sua propriedade uma empresa rural da qual possam viver com qualidade de vida, em um ambiente saudável e agradável, servindo de exemplo aos seus vizinhos, mostrando que é possível se conquistar o que todo agricultor busca, que é o conforto e o prazer no que faz, vontade em progredir financeiramente e principalmente felicidade.

Temos que aprender com as dificuldades. Em resumo, temos que ser mais eficientes e investir em tecnologias que proporcionem retorno garantido. Além disso, é fundamental não esquecermos das pessoas, que são a base de qualquer resultado.

Devemos estar preparados para o futuro, com experiência e conhecimento. A visão do futuro faz com que direcionemos racionalmente nossos esforços no sentido de recebermos as mudanças, lembrando sempre que toda decisão tomada hoje irá refletir em um resultado bom ou ruim.

12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Altmann, R. **Informe Conjuntural** - (30.5 a 5.6.03) - Número 916 - Icepta/SC, 22/05/03

Büll, L.T. **Cultura do Milho: Fatores que afetam a produtividade**. Piracicaba: ed. POTAFOS, 1993. 301 p.

Cooperita – **Histórico da Cooperativa Agropecuária de Itapiranga**, Departamento de marketing. 2003.

Corrêa, M. N.; et al: **Inseminação artificial em suínos**, Pelotas, 2001, p. 194; pág. 139-140.

Embrapa. Centro de Pesquisa Agropecuária do Oeste (Dourados, MS). **Milho: informações técnicas**. Dourados, 1997. 222 p. (Embrapa-CPAO. Circular Técnica, 5).

FEPAGRO/SCT/RS, EMBRAPA-TRIGO, EMATER/RS, FECOAGRO/RS: **Indicações técnicas para a Cultura do Milho no RS**, Porto Alegre. n.º 7, Agosto 2001. 135p.

Ministério da Agricultura e Abastecimento. Brasil - **Normas e padrões de nutrição e alimentação animal**; revisão 2000. – Brasília: MA/SARC/DFPA, 2000.

Momento ELANCO, 2003: **É necessário aprimorar o gerenciamento do seu negócio de suínos** - informativo mensal, Janeiro/2003 – n. 02.

Sobestiansky, J. et. All. **Suinocultura Intensiva: Produção, manejo e saúde do rebanho**— Brasília: Embrapa-SPI; Concórdia: Embrapa-CNPSa, 1998. 388p.

www.asemg.com.br

[www. Porkword.com.br](http://www.Porkword.com.br)

Apontamentos em Aula

13. ANEXOS

ANEXO 1. Questionário aplicado aos suinocultores.

QUESTIONÁRIO PARA ESTÁGIO CURRICULAR DE CONCLUSÃO DE CURSO

Estagiário: Tovar Raul Werlang

Curso de Agronomia UFSC.

Itapiranga, ____/____/____.

Produtor:

1. Sistema de Criação?
2. Ciclo de Produção?
3. Quantas matrizes?
4. Quantos animais entregues por mês?
5. Leitegadas/porca/ano?
6. Número de leitões nascidos?
7. Quantos Kg de ração trata por dia?
 - Porca Gestação?
 - Porca Lactação?
 - Creche?
 - Terminação?
8. Produz milho? Quantos ha? Sacos ano?
9. Produz outro ingrediente da ração? Quanto?
10. Compra Algum Ingrediente da ração? Qual? Quantos sacos ano?
11. Gostaria de produzir a ração necessária? Por quê?
12. A quanto tempo trabalha com suínos?
13. O que o levou a investir na suinocultura?
14. Quais o maiores problemas enfrentados atualmente?